

CIÊNCIA E PRECONCEITO: ESCRITOS AUTOBIOGRÁFICOS DE PACIENTES COM EPILEPSIA NO SÉCULO XIX.

Aluno: Samantha Valério Parente Souza

Orientador: Margarida de Souza Neves

Introdução

Este trabalho é parte do projeto de pesquisa *‘Ciência e Preconceito: Uma história social da epilepsia no pensamento médico brasileiro’* e tem por objeto de análise os escritos autobiográficos de pessoas com epilepsia no século XIX. Esses relatos tem relevância devido a seu caráter confessional, e por serem escritos em um tempo em que a medicina não conhecia as causas da doença e, conseqüentemente, não tratava de maneira apropriada os pacientes acometidos por essa doença, o que potenciava os preconceitos sociais que cercavam a epilepsia.

Os escritos autobiográficos de pessoas com epilepsia dentro do corte temporal da pesquisa (1859-1906) são extremamente raros, pois a epilepsia era um tema tabu e cercado de estigmas e preconceitos, uma vez que esta doença era constantemente relacionada à imoralidade, à degenerescência e herdava os preconceitos de outras épocas que a associavam a mefeícios e mesmo à ação demoníaca.

Até o momento, os únicos relatos autobiográficos identificados são os de Maria Isabel de Alcântara Brasileira, filha de D. Pedro I e da marquesa de Santos, que deixou um texto a que deu o título de “Vida da Condessa de Iguassú.” [1], uma longa carta endereçada a uma amiga na qual a epilepsia tem um lugar de destaque, e alguns registros autobiográficos de Machado de Assis, alguns, mais explícitos, em sua correspondência, e outros em seus escritos literários e nos quais é possível identificar alusões à epilepsia.

Objetivos

Na atual etapa da pesquisa, o objetivo maior é a análise do relato da Condessa de Iguassú e se desdobra nos seguintes objetivos específicos:

1. Identificar nesse relato tão particular e raro como a pessoa com epilepsia se autorepresentava em uma sociedade carregada de preconceitos com relação a sua doença.
2. Encontrar registros documentais sobre a Condessa de Iguassú e sobre seu registro autobiográfico e demonstrar que Maria Isabel utilizou-se de sua doença para afirmar ser filha do Imperador, já que os médicos da época sustentavam a tese de que o principal fator de predisposição à epilepsia era a hereditariedade.
3. Verificar, nas publicações literárias da época em que foi publicado o livro que reproduz a carta em anexo, se há discussão sobre a autenticidade da carta autobiográfica da Condessa de Iguassú.

No segundo ano da pesquisa o trabalho baseado na carta da Condessa será concluído e o próximo passo será analisar o material autobiográfico de Machado de Assis relativo a sua condição de doente com epilepsia.

Metodologia

A análise do material empírico se apóia na noção de paradigma indiciário proposta por Carlo Ginzburg[2]. Na carta é possível identificar indícios dos preconceitos presentes na sociedade e dos conceitos, ainda insuficientes, da medicina da

época em relação à epilepsia, que por vezes era vista como uma herança forçosa e maldita de pais epiléticos, por vezes como resultado de um trauma físico ou moral causado ao feto no ventre da mãe, e outras como resultado de um temperamento melancólico.

O diálogo com a metodologia de análise de correspondência pessoal utilizada por Rebeca Contijo [3] e por Silvia Ilg Byington [4], permitiu aprofundar a análise da carta da Condessa de Iguassú e permitirá também a análise das cartas de Machado de Assis. Essa metodologia demonstra que as cartas estão impregnadas de intimidade e repletas de história não só de um indivíduo, mas deste indivíduo e de sua rede de relações dentro de um tempo histórico determinado. A carta é um tipo de documento que põe de manifesto a construção de uma identidade, uma vez que permite identificar como o missivista vê a si próprio, e é também um lugar de sociabilidade que se constituiu como uma prática social relevante.

Conclusões

Em seu atual estágio, o trabalho permite concluir, por um lado, o caráter raro de escritos autobiográficos de pessoas com epilepsia no corte temporal da pesquisa, e, por outro, que nesses escritos percebe-se o quanto a carga negativa e estigmatizante da doença pesava sobre o doente. No caso específico do texto autobiográfico da condessa, também é possível inferir que Isabel Maria utilizou-se de um argumento científico presente nas teses médicas para comprovar que realmente era filha do Imperador D. Pedro I, que resistira a reconhecer a paternidade. A epilepsia, neste caso, é, ao mesmo tempo, um grande benefício, pois em função da carga hereditária atribuída à doença, não haveria dúvidas com relação à paternidade, e um *grande* mal, já que assim era considerada socialmente e denominada esta doença.

A conclusão final do trabalho de pesquisa em andamento dará origem à minha monografia de final de curso de graduação.

Referências

- 1 – MAUL, Carlos. **Vida da Condessa de Iguassú. (Filha de D. Pedro I e da Marquesa de Santos)**. Rio de Janeiro: Júlio Valverde Editor – livreiro, 1942.
- 2 – GINZBURG, Carlo. “Sinais: raízes de um paradigma indiciário.” IN: **Mitos. Emblemas. Sinais. Morfologia e História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- 3 – CONTIJO, Rebeca. “Paulo Amigo: amizade, mecenato e ofício do historiador nas cartas de Capistrano de Abreu.” IN: GOMES, Ângela de Castro(org). **Escrita de si. Escrita da História**. Rio de Janeiro: FGV Editora, s.d.
- 4 – BYINGTON, Silvia Ilg. “Prezados Modernistas” IN: NEVES, Margarida de Souza, CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (orgs). **A História em cousas miúdas. Capítulos de História Social da Crônica no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp, 2005....